

Aquela nuvem e outras

Poemas de Eugénio de Andrade Ilustrados por Alfredo Martins

Palmo e Meio



Compre este livro, sem sair de casa. Clique nas imagens.

Aquela nuvem e outras

Poemas de **Eugénio de Andrade**

Ilustrados por Alfredo Martins

Direcção gráfica deste volume: Elsa Navarro/José Saraiva

© CAMPO DAS LETRAS, Editores, S.A., 1999

Edifício Mota Galiza

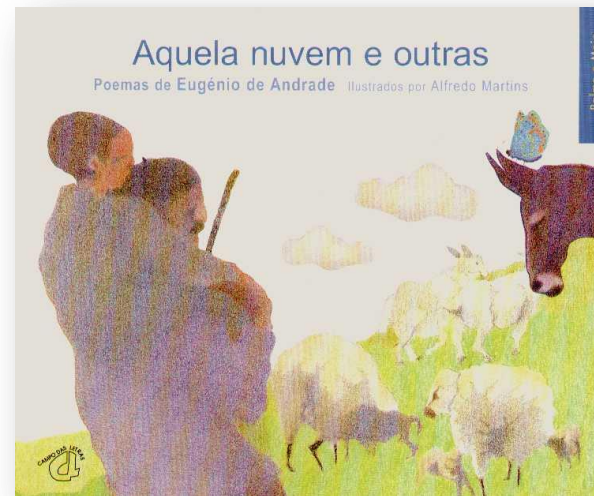
Rua Júlio Dinis, 247, 6.º, E1 4050-324 Porto

Telef.: 226 080 870 Fax: 226 080 880

e-mail: campo.lettras@mail.telepac.pt

site: www.campo-letras.pt

© Eugénio de Andrade



<http://www.fnac.pt/Aquela-Nuvem-e-Outras-ANDRADE-EUGENIO-DE/a73806>

12.ª edição: Setembro de 2007

Depósito Legal: 144195/99

ISBN: 972-610-221-9

Código de Barras: 9789726102212

Colecção: **Palmo e Meio** – 7

Código do livro: 1.18.007



Ao Miguel,
para quem escrevi estes poemas
à medida que foi crescendo.

adivinha

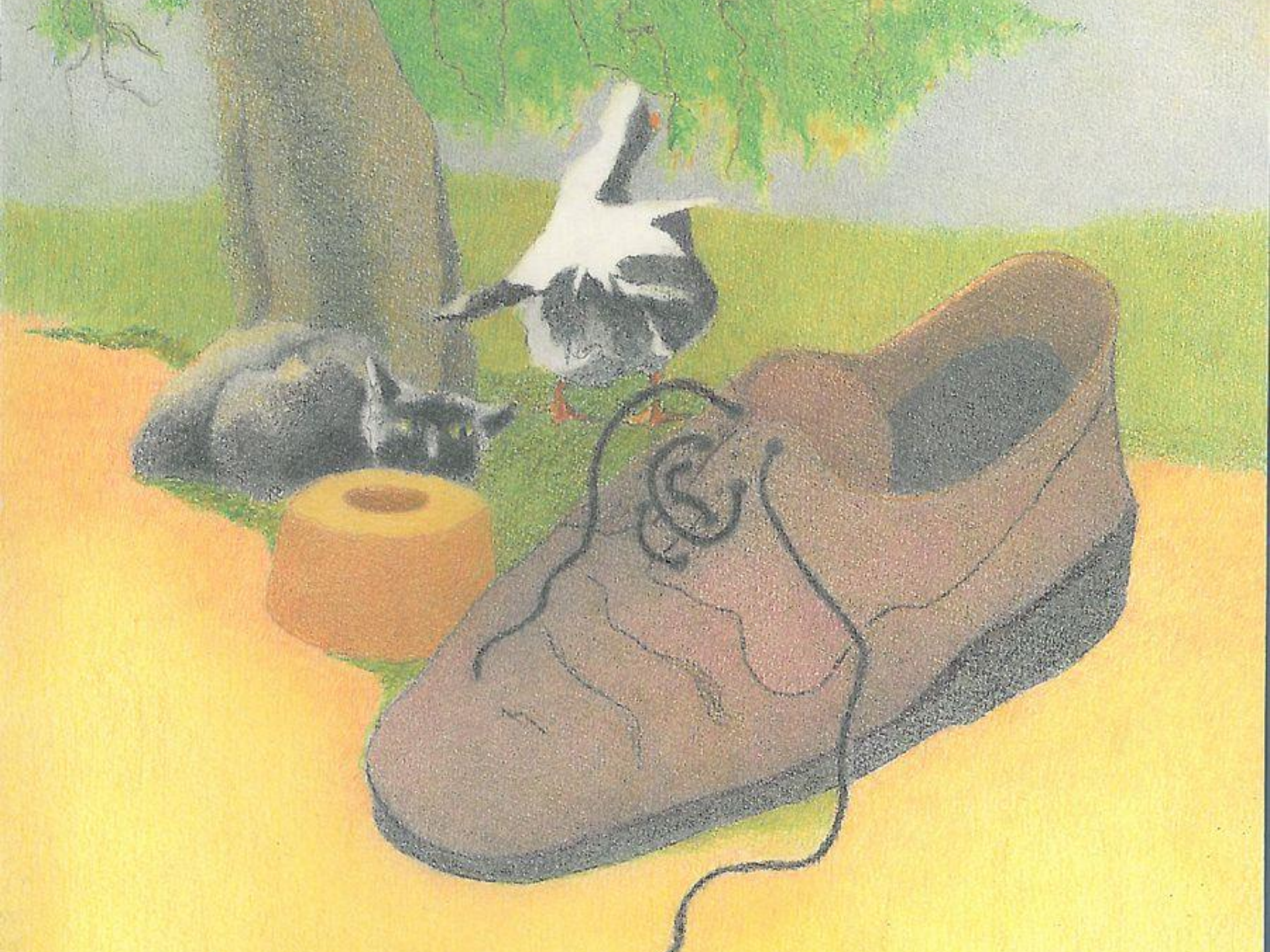
Não é galo nem galão,
nem padre nem sacristão:
é um animal esquisito,
entre peru e pavão,
tem barbas ruivas de milho,
tem olhos de crocodilo,
rabo de rato ou de cão,
ão ão ão!



o gato



Onde está o gato?
Dentro do sapato?
Anda atrás do pato
ou caiu no pote?
– Anda no jardim
à roda do pudim.
Dó si dó ré mi.



1,2,3

Um, dois, três,
lá vai outra vez
o gato maltês
a correr atrás
da franga pedrês,
talvez a mordesse
apenas no pé,
o sítio ao certo
não sei bem qual é
(quatro, cinco, seis),
ou só lhe arranhasse
a ponta da crista,
e talvez nem isso,
seria só susto,
ou nem sequer mesmo
foi susto nenhum;
sete, oito, nove,
para dez falta um.





verão

Caracol, caracol,
onde vais com tanto sol?
Vou à loja do senhor Adão
comprar um girassol;
com tanto sol
ninguém aguenta o verão.
Adeus, adeus, caracol,
tens razão,
sem guarda-sol
ninguém aguenta este sol.



o burro de Loulé

Era um burro muito burro,
ou melhor, era pateta,
pois viera de Loulé,
sem ser coxo nem perneteta,
sempre, sempre sobre um pé.





o pastor

Pastor, pastorinho,
onde vais sozinho?

Vou àquela serra
buscar uma ovelha.

Porque vais sozinho,
pastor, pastorinho?

Não tenho ninguém
que me queira bem.

Não tens um amigo?
Deixa-me ir contigo.



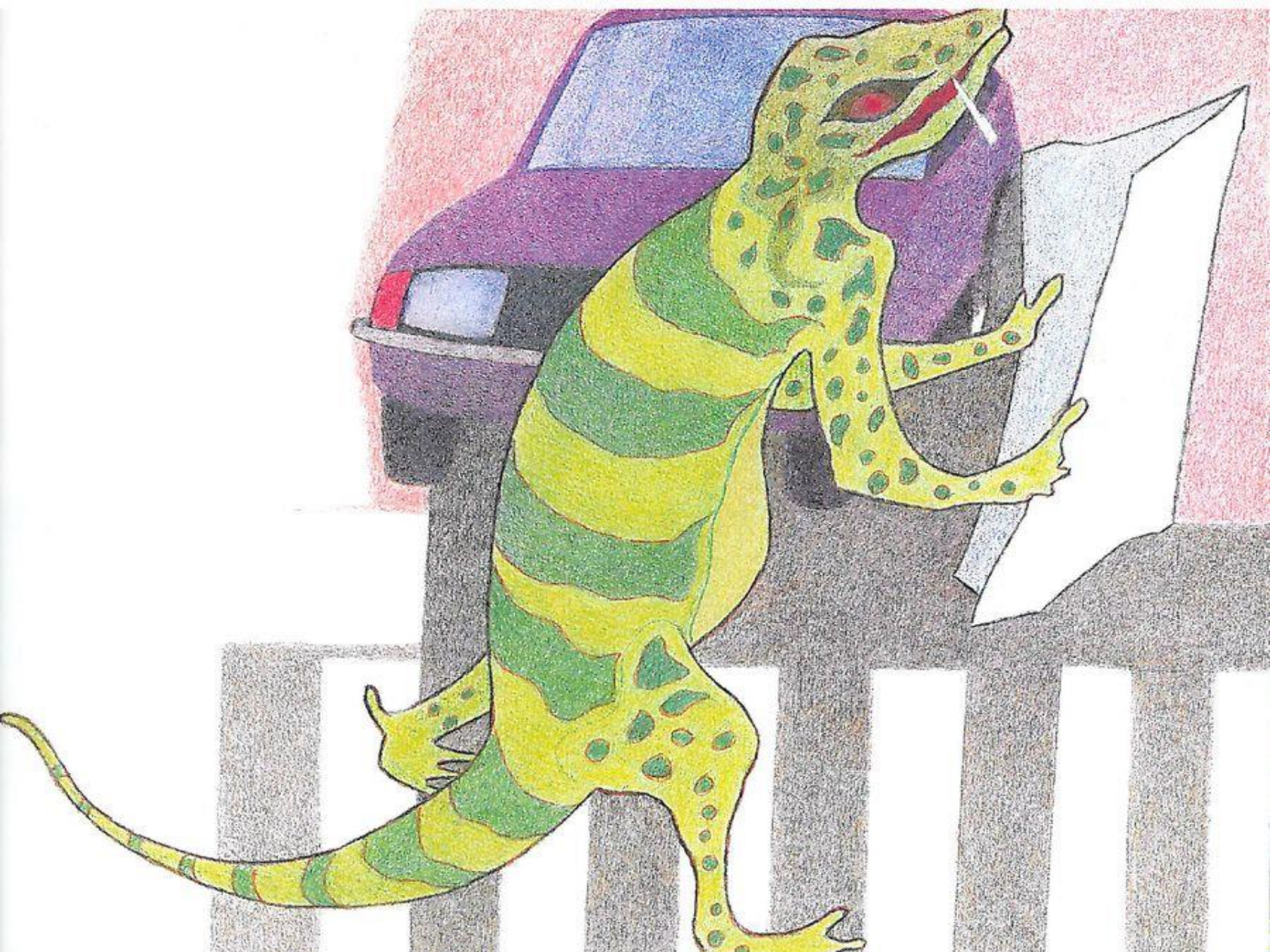


o lagarto

Vejam que janota
o lagarto vem!
Parece um ministro.
Irá a Belém?

Vem do costureiro?
Vem de trabalhar?
Que pergunta tola:
vem só de almoçar.

E que bem comeu
o nosso janota!
Quem seria o parvo
que pagou a conta?



canção de Leonoreta



Borboleta, borboleta,
flor do ar,
onde vais, que me não levas?
Onde vais tu, Leonoreta?



Vou ao rio, e tenho pressa,
não te ponhas no caminho.
Vou ver o jacarandá,
que já deve estar florido.



Leonoreta, Leonoreta,
que me não levas contigo...





gatos



Gato dos quintais,
gato dos portões,
gato dos quartéis
gato das pensões.

Vêm da Índia, da Pérsia,
de Ninive, Alexandria.
Vêm do lado da noite,
do oiro e rosa do dia.

Gato das duquesas,
gato das meninas,
gato das viúvas,
gato das ruínas.

Gatos e gatos e gatos.
Arre, que já estamos fartos!



canção da joaninha

A Lisboa, vamos a Lisboa.
Joaninha voa, voa.



Num cavalo baio
ou num alazão, vamos a Lisboa.
Joaninha voa, voa.



Num cavalo de Alter
ou do Turquestão, vamos a Lisboa.
Joaninha voa, voa.



Num cavalo de pau
ou num garanhão, vamos a Lisboa.
Joaninha voa, voa.

Ah, que bom, que bom, que bom;
voa, voa, vamos a Lisboa.



o Inverno

Velho, velho, velho.
Chegou o inverno.

Vem de sobretudo,
vem de cachecol,
o chão onde passa
parece um lençol.

Esqueceu as luvas
perto do fogão:
quando as procurou,
roubara-as um cão.

Com medo do frio,
encosta-se a nós:
dai-lhe café quente
senão perde a voz.

Velho, velho, velho.
Chegou o inverno.



a formiga

Sete palmos, sete metros,
anda a formiga por dia
(sete palmos a correr,
sete metros devagar),
só para lamber o mel
que lentamente escorria
quer da boca quer do pão,
quer dos dedos do Miguel.





andorinha

Era uma andorinha branca
que me batia à janela
e contente anunciava
que chegara a primavera,
ou era eu que sonhava?



faz de conta

- Faz de conta que sou abelha.
- Eu serei a flor mais bela.

- Faz de conta que sou cardo.
- Eu serei somente orvalho.

- Faz de conta que sou potro.
- Eu serei sombra em agosto.

- Faz de conta que sou choupo.
- Eu serei pássaro louco,

pássaro voando e voando
sobre ti vezes sem conta.

- Faz de conta, faz de conta.





a rosa e o mar

Eu gostaria ainda de falar
da rosa brava e do mar.
A rosa é tão delicada,
o mar tão impetuoso,
que não sei como os juntar
e convidar para o chá
na casa breve do poema.
O melhor é não falar:
sorrir-lhes só da janela.





Andanças do poeta

Pelo céu cor de violeta,
que lindo,
que lindo vai o poeta.

Pôs uma camisa branca
e sapatos amarelos,
as calças agarradinhas
são da feira de Barcelos.



Pelo céu vai o poeta.
Sobe, sobe de bicicleta.



■ aquela nuvem

– É tão bom ser nuvem,
ter um corpo leve,
e passar, passar.

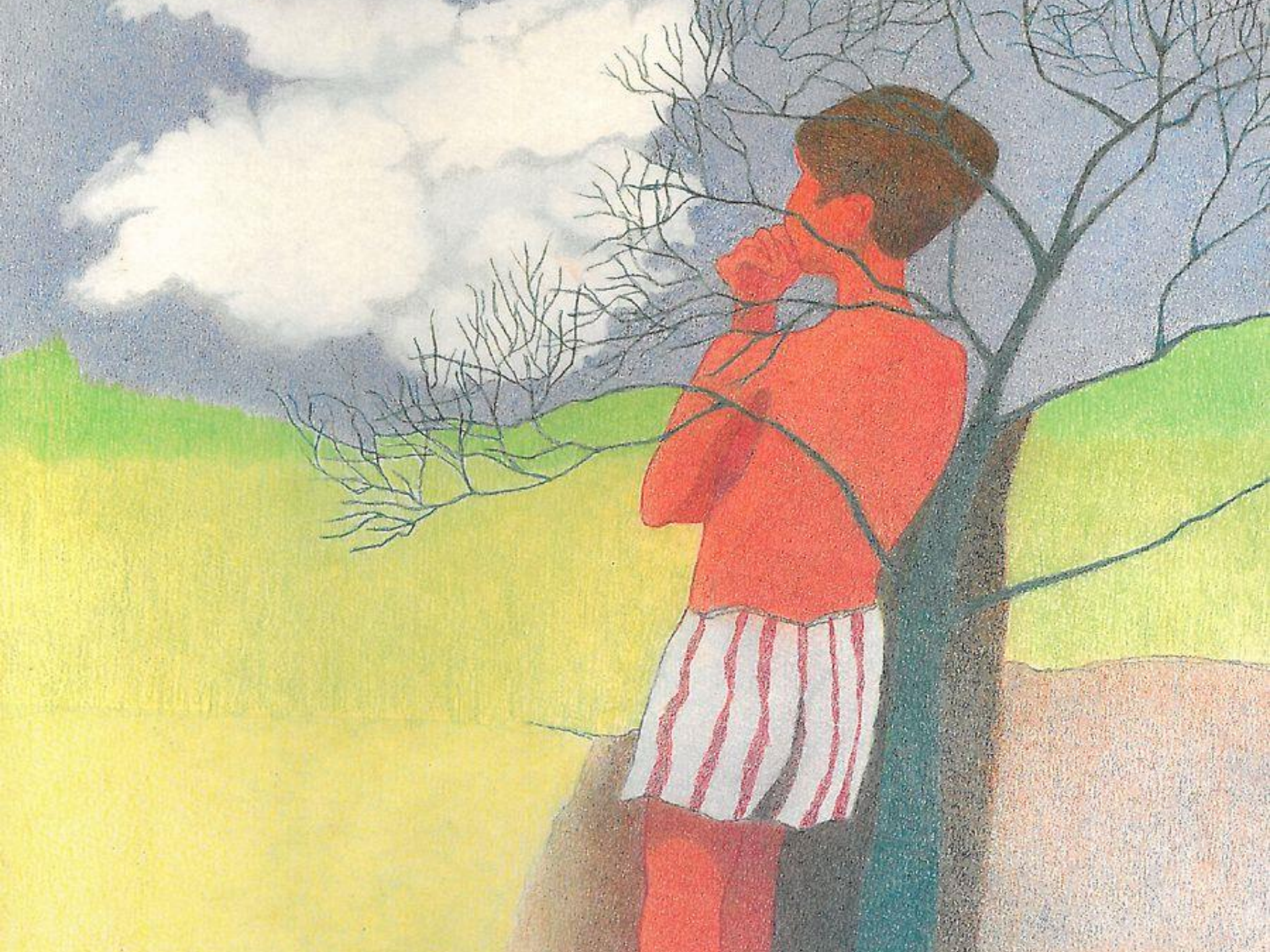
– Leva-me contigo.
Quero ver Granada.
Quero ver o mar.

– Granada é longe,
o mar é distante,
não podes voar.

– Para que te serve
ser nuvem, se não
me podes levar?

– Serve para te ver.
E passar, passar.





frutos

Pêssegos, peras, laranjas,
morangos, cerejas, figos,
maçãs, melão, melancia,
ó música de meus sentidos,
pura delícia da língua;
deixai-me agora falar
do fruto que me fascina,
pelo sabor, pela cor,
pelo aroma das sílabas:
tangerina, tangerina.





rosa

É uma rosa amarela.
Uma rosa de verão.
Sempre uma rosa em botão
estava posta à janela.
Quem mora naquela casa
certamente que sabia
quanto essa rosa em botão,
seja branca ou amarela,
perfuma todo o verão.



romance de D. João

Foi-se D. João,
foi à sua vida,
sem dificuldade
saltou pelo muro,
não voltou senão
quando ao outro dia
já fazia escuro.
Vinha enfarruscado,
partida a viola,
o boné ao lado,
rasgado o calção
e a camisola.
Fiz-lhe uma carícia,

não me respondeu,
foi-se encafiar
perto do borrarho
arrastando o pé.
Percebi então
que não vinha bem.
Que desgosto teve?
Com quem se bateu?
Disputas de gatos
em pleno janeiro?
Ou foi antes cão
que o filou primeiro?
Nada perguntei
por delicadeza,
mas que fora coça,

da rija, da boa,
da que deixa mozza
para a vida toda,
isso bem se via.
Queria ajudá-lo,
não só por carinho:
custa tanto vê-lo
metido na fossa
da melancolia!
E para acabar
quase me atrevia
a pedir que guardem
muito bem guardado
tudo isto em segredo.
E muito obrigado.



não quero, não

Não quero, não quero, não,
ser soldado nem capitão.

Quero um cavalo só meu,
seja baio ou alazão,
sentir o vento na cara,
sentir a rédea na mão.

Não quero, não quero, não,
ser soldado nem capitão.



Não quero muito do mundo:
quero saber-lhe a razão,
sentir-me dono de mim,
ao resto dizer que não.

Não quero, não quero, não,
ser soldado nem capitão.



cavalos

Uma canção de cavalos

me pede o Miguel que escreva:

cavalos de sol sedentos,

mansos cavalos de seda.

Cavalos bebendo a sombra

verde e rosa das palmeiras

ou bailando nas areias

com as luzes derradeiras.

Cavalos de romanceiro

disparados como setas

em terras da minha terra

ou só na minha cabeça.

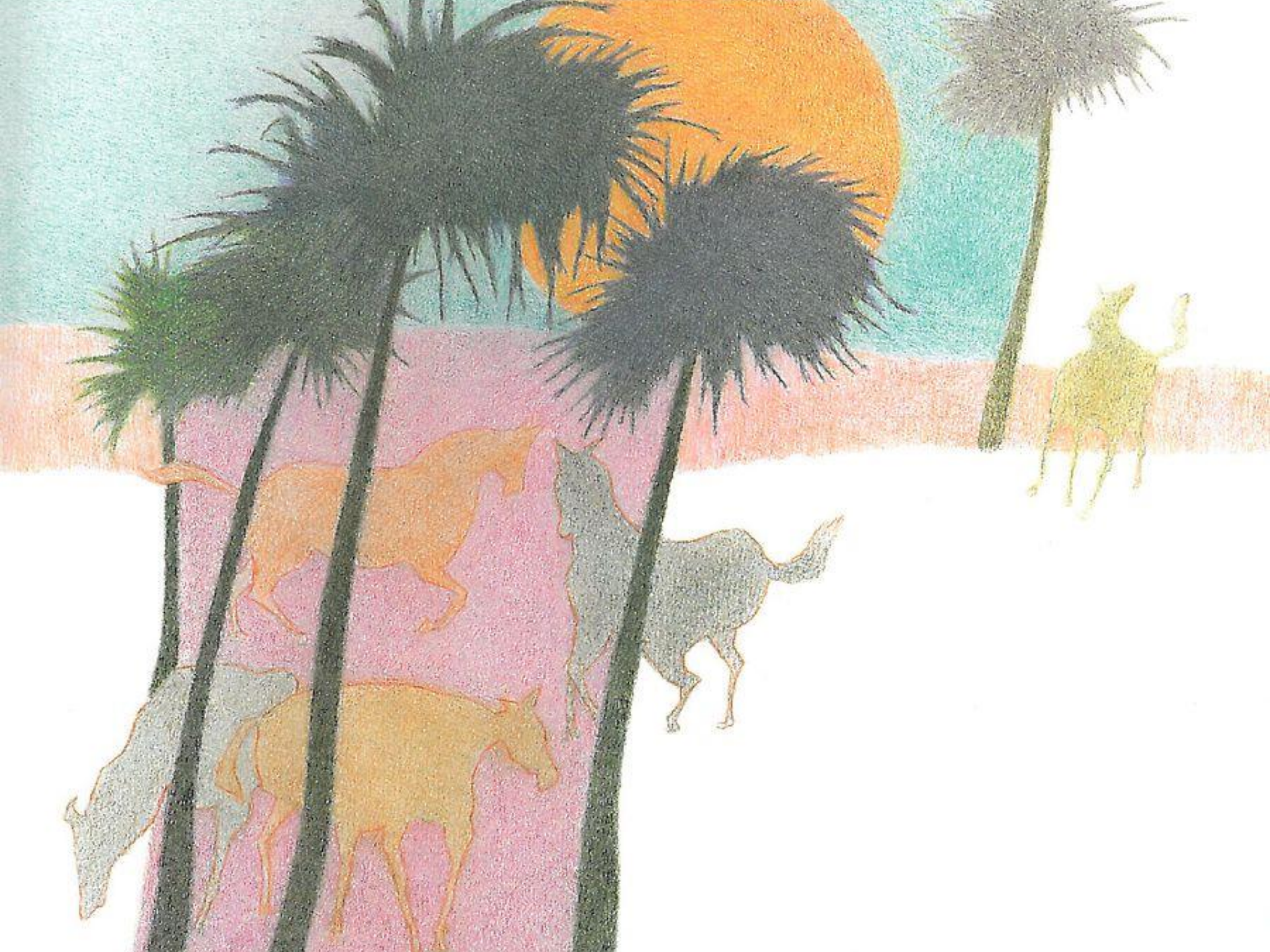
Cavalos de sol sedentos,

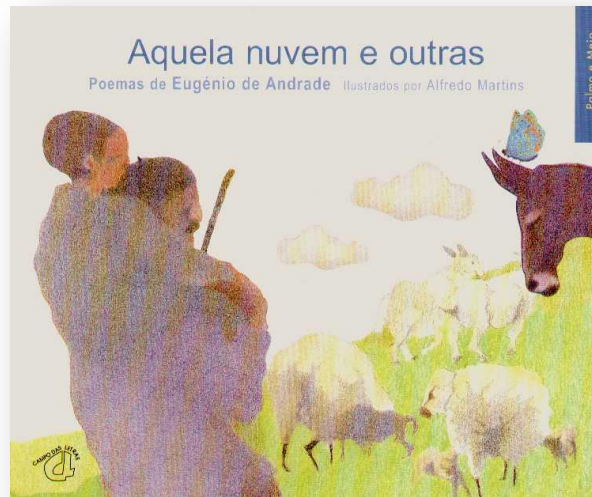
mansos cavalos de seda:

uma canção de cavalos

me pede o Miguel que escreva.







Compre este livro,
Sem sair de casa.
Clique nas imagens.

<http://www.fnac.pt/Aquela-Nuvem-e-Outras-ANDRADE-EUGENIO-DE/a73806>

